

A GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO NA SALA DE AULA: OFICINA COM RECURSOS DIDÁTICOS DIVERSIFICADOS

THE GEOGRAPHY OF POPULATION IN THE CLASSROOM: WORKSHOP WITH DIVERSIFIED RESOURCES

LA GEOGRAFÍA DE LA POBLACIÓN EN EL AULA: ACTIVIDAD DIDÁCTICA CON DIFERENTES RECURSOS

RESUMO

O artigo apresenta uma proposta para trabalhar o tema população na sala de aula, visando que este conteúdo da Geografia Escolar deixe de ser tratado, como algo abstrato, quantitativo e dissociado da vida dos estudantes. O trabalho é resultado de atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBIB/CAPEs). Ele segue os preceitos metodológicos da pesquisa-ação através de uma revisão bibliográfica que foi problematizada na oficina realizada em uma escola pública do município de Sobral/CE. Nesta prática, dados da população local foram coletados na internet e correlacionados às tabelas e pirâmides da população mundial disponíveis nos livros didáticos. A partir de uma abordagem multiescalar que integrou recursos didáticos diversificados, a pesquisa comprovou que é possível trabalhar a Geografia da População de forma interessante e prazerosa e ainda fomentar várias estratégias de ensino-aprendizagem que despertem nos alunos a reflexão crítica sobre o lugar e o mundo.

Palavras-chave: Geografia; Ensino de Geografia; População; Recurso didático.

ABSTRACT

The article presents a proposal to discuss the subject population in the classroom to the Basic Education. It aims that the population ceases to be treated in School Geography as something abstract, quantitative and disconnected from students' lives. The work is the result of activities in Institutional Fellowship Program Initiation to Teaching (PIBIB/CAPEs) and follows the methodological principles of action research through a literature review that was questioned in the practice of observation visits and planning workshop held in a public school in the city of Sobral/CE. In the workshop, the local population data were collected and correlated to the internet tables and pyramids of the world population available in textbooks. From a multiscale approach that incorporated diverse educational resources, the research showed that it is possible to work with population geography interesting and pleasant way and also encourage various teaching strategies and learning to awaken in students a critical reflection on the place and the world.

Key words: Geography; Teaching Geography; Population; Teaching resource.

RESUMEM

El artículo presenta una propuesta para trabajar el tema de población en el aula, con vista que esta no sea tratada, en la Geografía Escolar, como una cosa abstracta, cuantitativa y disociada en la vida de los estudiantes. El trabajo es resultado de las actividades desarrolladas en el Programa Institucional de Beca de Iniciación a la Docencia (PIBID/CAPEs). Él sigue los preceptos metodológicos de la investigación- acción a través de una revisión bibliográfica que problematizaron en la actividad realizada en una escuela pública de municipio de Sobral. En esta práctica, datos de la población fueron recopilados en el internet y correlacionados a las tablas y las pirámides de la población mundial disponible en los libros didáticos. A partir de un abordaje multiescalar que integró recursos didáticos diversificados, la investigación comprobó de modo interesante y placentero y aún fomentar diversas estrategias de enseñanza- aprendizaje que despierten en los alumnos la reflexión crítica sobre el lugar y el mundo.

Palabras- Chave: Geografía, Enseñanza de Geografía, Población, Recursos Didáticos.

Antonio Jarbas Barros de Moraes

- Graduando em Geografia pela Universidade Estadual
Vale do Acaraú (UVA-Sobral/CE)
e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de
Iniciação à Docência (PIBID/CAPEs)
jarbasgeografia@hotmail.com

Lenilton Francisco de Assis

- Professor Doutor do curso de Geografia da UVA
(Sobral/CE)
e Colaborador do PIBID/CAPEs, subprojeto Geografia
lenilton@yahoo.com

INTRODUÇÃO

Na Geografia Escolar, o estudo da população ainda é marcado pelo predomínio de conceitos e estatísticas que ocultam as reais condições de existência da sociedade e aumentam o desinteresse dos alunos pela disciplina. Os debates sobre as classes sociais, as diferenças culturais dos indivíduos, seus comportamentos e fluxos migratórios, quase sempre, são negligenciados através de aulas expositivas que se apoiam no livro didático como instrumento favorito para a memorização de conteúdos que os alunos não transformam em saber.

Por isso, o objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de ensino-aprendizagem para que a população deixe de ser tratada como algo abstrato, quantitativo e dissociado da vida dos estudantes. Buscamos ainda contribuir para superação de uma Geografia mnemônica e descritiva que insiste em se fazer presente nas escolas, como obstáculo à afirmação da Geografia Crítica, já propalada há mais de três décadas (KAERCHER, 2007; VESENTINI, 2009).

Partimos da hipótese de que os recursos didáticos têm papel importante no processo de ensino-aprendizagem, já que servem de apoio ao professor na mediação entre o conhecimento vivido no cotidiano e aquele construído na sala de aula. A metodologia adotada segue os preceitos da pesquisa-ação (MONCEAU, 2005; TRIPP, 2005) através de uma revisão bibliográfica que foi problematizada na prática das visitas de planejamento e da oficina realizada na Escola São José, no município de Sobral/CE.

Nesta oficina, dados da população local foram coletados na internet e correlacionados às informações demográficas disponíveis nos livros didáticos. A partir de uma abordagem multiescalar que integrou recursos didáticos diversificados (livro didático, gráficos, tabelas, maquetes, coleta de dados na internet), a pesquisa comprovou que é possível trabalhar a Geografia da População de forma interessante e prazerosa e ainda fomentar várias estratégias de ensino-aprendizagem que despertem nos alunos a reflexão crítica sobre o lugar e o mundo.

Vale ressaltar que o trabalho congrega resultados das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), desenvolvido entre 2011-2013, no Laboratório de Ensino de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA-CE). A seguir, apresentamos uma breve revisão da teoria que embasou a pesquisa-ação.

O ESTUDO DA POPULAÇÃO NAS AULAS DE GEOGRAFIA

O estudo da população nas aulas de Geografia deve ser voltado para a compreensão da sociedade, considerando sua evolução, distribuição, estrutura econômica e diversidade sociocultural. Para tanto, é necessário considerar os dados demográficos e ir além destes para entender os modos de vida, a mobilidade e os tipos de produção que caracterizam a população na sua totalidade e diversidade.

Para trabalhar o tema população na sala de aula, segundo Rua (1993, p. 145), “é necessário que se fale de ‘gente’ e não de números. Qualquer estudo de população tem que deixar evidentes o seu modo de vida e o seu tipo de produção. Se isto não for feito, a população continuará como algo abstrato e quantitativo”. Corroborando com esta ideia, Damiani (2001) e Scarlato (2001) também reforçam a importância da abordagem qualitativa

na Geografia da População, porém sem deixar de lado os números e estatísticas cujas informações permitem conhecer, grosso modo, as particularidades socioeconômicas da sociedade.

O estudo da população é objeto de várias disciplinas, dentre elas a Geografia. Seu enfoque se direciona para as relações manifestas entre as coletividades humanas e o espaço onde se assentam. No âmbito escolar, as orientações curriculares nacionais preceituam que:

A geografia que compõe o currículo do ensino fundamental e médio deve preparar o aluno para: localizar, compreender e atuar no mundo complexo, problematizar a realidade, formular proposição, reconhecer as dinâmicas existentes no espaço geográfico, pensar e atuar criticamente em sua realidade [...] (BRASIL, 2006, p. 43).

Callai (1999, p. 58) também reforça esses preceitos quando afirma que a Geografia da sala de aula:

[...] deve permitir que o aluno se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorreram são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento. [...] O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a Geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma Geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico.

Nessa perspectiva, o olhar geográfico da população deve buscar apreendê-la na sua diversidade e totalidade, levando os alunos a “transitarem” entre as escalas local-global e a confrontarem as suas realidades através de dados quantitativos e qualitativos que se complementam.

Os professores de Geografia precisam estar aptos a promover leituras multiescalares da população, por meio de construtivas situações de ensino-aprendizagem que se ampliam e se diversificam com os avanços das pesquisas e publicações crescentes.

É preponderante que os docentes busquem a contínua formação e adequem sua prática às mudanças em curso na sociedade da informação, as quais ressignificam seu ofício, tornando-o um mediador das aprendizagens (e não mais o dono do saber) que conduz o seu trabalho de forma a valorizar/organizar as informações trazidas pelos alunos para que eles desenvolvam a autonomia na construção do conhecimento.

O professor deve buscar meios para superar problemas como o desinteresse dos alunos e/ou as deficiências do ambiente escolar, o que pode ocorrer com a utilização de recursos didáticos, tanto tradicionais, quanto modernos.

Nas aulas de Geografia, recursos como quadro, mapa e livro didático continuam sendo importantes para professores e alunos explorarem textos, imagens e representações que desenvolvam habilidades basilares à aprendizagem geográfica, tais como: observação, descrição, correlação, representação, análise e síntese (CALLAI, 1999).

Todavia, esses recursos, por si só, não são suficientes, como nenhum outro poderia ser. Cabe ao professor incorporar também recursos modernos, baseados nas multimídias (como o computador, internet, *datashow*, lousa eletrônica, *tablet* etc.) e produzir aulas realmente desafiadoras e significativas para o aluno. Desse modo, é importante que o professor busque meios para:

Motivar e despertar o interesse dos alunos; Favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação; Aproximar o aluno da realidade; Visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem; Oferecer informações e dados; Permitir a fixação da aprendizagem; Ilustrar noções mais abstratas; Desenvolver a experimentação concreta (ABENSUR, 2010, p.10).

Passini (2007, p. 103) adverte que independente de serem tradicionais ou tecnológicos, “não são os recursos didáticos que transformam as aulas de reprodução em aulas de construção”. Portanto, é o direcionamento do professor, através do seu planejamento, que possibilitará escolher os recursos mais apropriados e as estratégias de acordo com os conteúdos e objetivos a serem alcançados na aula.

Acreditamos na possibilidade de aprimorar o estudo da população nas aulas de Geografia com o uso de recursos didáticos diversificados que permitam aos alunos ir além da abordagem estatístico-demográfica e incorporar a criatividade e a criticidade da análise qualitativa.

Além do uso de recursos didáticos diversificados, defende-se aqui a sua construção por parte do professor e especialmente do aluno, já que tais recursos:

[...] mais do que ilustrar, têm por fim levar o aluno a trabalhar, a investigar, a descobrir e a construir. Assume, assim, aspecto funcional e dinâmico, propiciando oportunidade de enriquecer a experiência do aluno, aproximando-o da realidade e oferecendo-lhe oportunidade de atuação (NÉRICE, 1985, p. 326).

Propomos, assim, trabalhar a população, associando recursos tradicionais, como os dados disponíveis nas tabelas e pirâmides populacionais dos livros didáticos, e recursos modernos, como o computador e a internet para a captura de dados locais.

É possível coletar no portal do IBGE <www.ibge.gov.br> perfis municipais, mapas, gráficos, tabelas e *links* interessantes (como o IBGE *teen*) que podem fomentar o ensino-aprendizagem da população com o enfoque sobre os lugares de vivência dos alunos (**Figura 1**). Nessa proposta, eles podem ser coautores do saber, não apenas assimilando o conhecimento pronto e instituído nos *sites* (comparando com o livro didático), mas permitindo recriar conceitos geográficos e metodologias de ensino a partir da descoberta de novas informações e recursos.

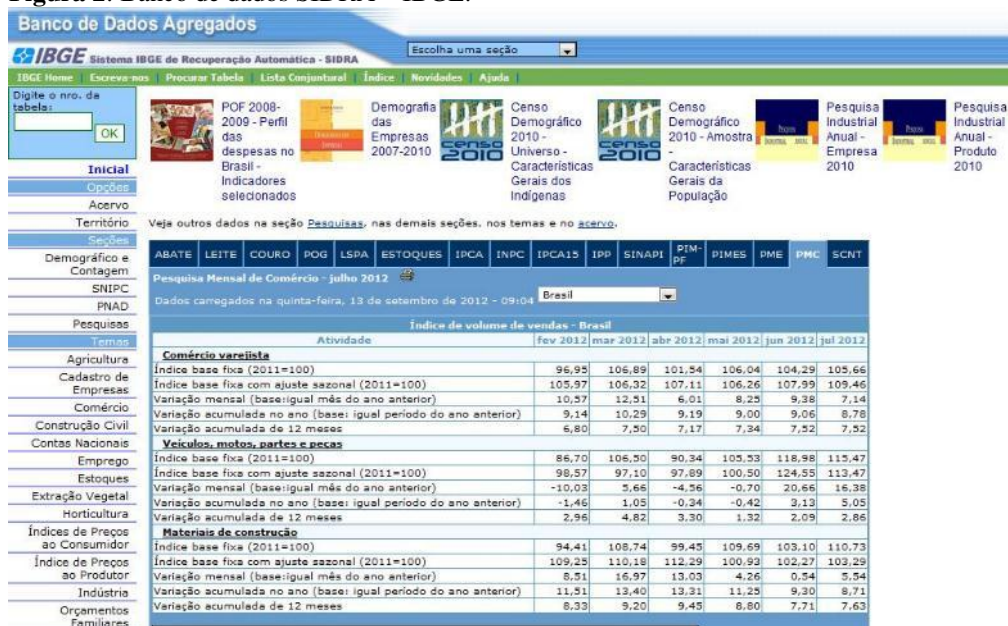
Figura 1: Canal temático IBGE teen



Fonte: IBGE, 2014.

Orientados pelo professor, os alunos podem capturar na internet dados sobre os municípios e os distritos (especialmente no portal SIDRA - Sistema IBGE de Recuperação Automática - **Figura 2**) que fomentem o debate sobre a estrutura, evolução e mobilidade da população local que deve também ser contextualizada no Brasil e no mundo por meio da comparação com os dados do livro didático.

Figura 2: Banco de dados SIDRA – IBGE.



Fonte: IBGE, 2014.

Deste modo, os alunos podem interpretar os dados e confrontá-los com a realidade, observando ainda que alguns conceitos apresentados no livro didático (como densidade demográfica, populoso, povoado, IDH, PIB *per capita*) são médias matemáticas que nem

sempre expressam a real situação das pessoas e dos lugares. A esse respeito, Cavalcanti (2006, p. 20) também alerta:

O ensino de Geografia, assim, não deve se pautar pela descrição e enumeração de dados, priorizando apenas aqueles visíveis e observáveis na sua aparência (na maioria das vezes impostos à “memória” dos alunos, sem interesse por parte destes). Ao contrário, o ensino deve propiciar ao aluno a compreensão do espaço geográfico na sua concretude, nas suas contradições.

Embora importantes, os dados estatísticos brutos, muitas vezes, “camuflam” as desigualdades de classes, os conflitos e a dinâmica espacial da população na luta pela sobrevivência cotidiana. A interpretação e o debate sobre eles (inclusive, sobre as formas como são elaborados e sistematizados nos Censos Demográficos) devem ser buscados no estudo da população nas aulas de Geografia para não se sobrevalorizar a estatística diante da reflexão crítica sobre as relações sociais que resultam na produção do espaço.

Destarte, vale reforçar que não se defende o desprezo dos dados estatísticos nas aulas de Geografia. Ao contrário, entendemos que os dados, por si só, são representações aproximadas da realidade que em muito contribuem para a aprendizagem espacial dos alunos. Os dados disponíveis nos livros didáticos, por exemplo, pode servir de estímulo inicial para professores e alunos complementá-los com pesquisas na internet, atualizá-los e compará-los com as diversas realidades espaciais dos fenômenos em análise.

A culminância desse trabalho com recursos didáticos diversificados pode ser a realização de debates sobre a distribuição da população e os fluxos migratórios, tendo como escalas preferenciais de representação o país, o estado, o município e até o bairro, onde os alunos podem relatar seus conhecimentos e experiências cotidianas.

Baseados nesses preceitos teórico-metodológicos, planejamos e realizamos uma oficina com estratégias e recursos didáticos diversificados para trabalhar a população nas aulas de Geografia.

DA TEORIA À AÇÃO: OFICINA DE RECURSOS DIDÁTICOS DIVERSIFICADOS

Um dos principais objetivos do PIBID/CAPES é contribuir para a articulação teoria-prática na formação de professores. E, para tal, é imprescindível aos bolsistas a aproximação do cotidiano escolar, o engajamento no planejamento e em atividades pedagógicas que aperfeiçoem o processo de ensino-aprendizagem. A escola é o espaço da ação do PIBID, o “laboratório social” onde a teoria e a prática (maturadas na universidade) se fecundam para a construção da futura práxis docente.

De tal modo, a escola também é campo e objeto da pesquisa-ação, ou seja, de “toda tentativa continuada, sistemática e empiricamente fundamentada de aprimorar a prática” (TRIPP, 2005, p. 443). Seguindo essa acepção, adotamos, nas atividades do PIBID/Geografia da UVA, o método da pesquisa-ação para investigar-intervir em uma situação-problema do ensino de Geografia de uma escola de Sobral.

Antes de apresentarmos a escola, vale destacar a advertência de Monceau (2005, p. 469) de que, embora guardem particularidades, “pesquisa-ação e pesquisa-intervenção necessariamente não se excluem”.

A escola escolhida para ação-intervenção foi a São José, em Sobral, onde são oferecidas as modalidades de ensino fundamental e médio. Localizada no bairro Dom

Expedito, a unidade de ensino possui amplo espaço físico, boa infraestrutura e eficiente gestão pedagógica que facilitaram o planejamento e a realização das oficinas sobre a utilização SIDRA, o banco de dados demográficos do portal do IBGE.

O laboratório de informática, por exemplo, conta com vinte e três computadores ligados à internet e ainda há na escola o projeto de nome “Um Computador por Aluno (UCA)” que distribui *laptops* com acesso *wi-fi* para cada discente usar sob a orientação dos professores, tanto nas aulas, quanto em pesquisas direcionadas.

As oficinas foram realizadas em duas turmas do 7º ano do Ensino Fundamental, com acompanhamento do professor de Geografia que em entrevista afirmou ter dificuldades de ensinar o tema população devido ao predomínio da abordagem quantitativa nos livros didáticos e da falta de tempo para pesquisar outros recursos e metodologias.

Quando indagado sobre como trabalhava a temática nas suas aulas, ele assim se pronunciou:

As populações, particularmente, acham um pouco complicada trabalhar porque são muitos números, mas, como disse, o livro didático possui boa qualidade e ajuda bastante. O livro possui boas informações, não todas, é claro. Por isso, quando posso, procuro outras fontes nos atlas do IBGE, na internet, em jornais e revistas. Depois de ter conhecido os materiais levo para os alunos pesquisarem e depois realizo seminários, discussões e avaliações. [...] Nós temos dificuldades de encontrar como trabalhar população e outros conteúdos nas aulas de Geografia, por conta do tempo e das tarefas.

O depoimento acima é revelador, não só da pertinência da temática e da ação proposta na oficina, mas também da confluência de esforços tanto da parte do docente, quanto da universidade, através de programas inovadores como o PIBID. E o mesmo professor reconhece:

Acho interessante e valioso o que vocês estão fazendo porque as instituições responsáveis pelas escolas não se preocupam em fazer esses trabalhos, quando temos projetos é muito rápido, em uma semana terminamos. Mas, o PIBID vai estar conosco por dois anos e já apresenta bons resultados. Os meninos na sala falam das oficinas de vocês, das maquetes, internet, vídeos e imagens fotográficas. Eles aprendem de uma forma divertida, inclusive os alunos levam para as aulas os conhecimentos adquiridos nas oficinas e, sem dúvidas, para casa.

Essa boa recepção do professor e da escola facilitaram o planejamento coletivo da oficina que ainda integrou uma sondagem prévia dos alunos e a discussão das estratégias de ensino com o docente entrevistado. Nesta pesquisa exploratória, não foi difícil perceber que a população era um conteúdo já abordado nas turmas. Porém, os alunos demonstraram ter sido guiados só pelo livro didático e não conseguiram estabelecer relações com a realidade local.

Propomos, então, a consulta à internet para a coleta de dados sobre Sobral, os distritos e municípios adjacentes (**Fotos 1 e 2**).

Foto 1 e 2: Oficina na Escola São José

Fonte: arquivo pessoal, 2013.

Os canais temáticos IBGE *teen* (específico para adolescentes) e IBGE 7 a 12 chamaram muito a atenção dos alunos pelas cores e conteúdos elaborados para as faixas etárias específicas. O SIDRA foi outra ferramenta trabalhada, pois permite a coleta de dados agregados, de forma rápida e eficiente, através de tabelas, gráficos e cartogramas. Diante das muitas informações disponíveis, o desafio posterior foi sistematizá-las de modo prático e ágil para a próxima aula.

Para manuseio do SIDRA, é necessário ao professor um conhecimento prévio do seu funcionamento, das tabelas disponíveis, o que não é difícil, pois há muitos tutoriais explicativos. Nosso roteiro de pesquisas no SIDRA foi o seguinte: na tela inicial, optamos por iniciar a busca pelo território e não pelo tema de pesquisa. Seleccionamos a unidade territorial de A – Z, clicando na aba município, na qual escolhemos Sobral. Uma série de tabelas com dados de Sobral apareceu e clicamos na de número 200 que corresponde à “População por sexo, situação por grupo de idade – amostra – características gerais da população”. Os alunos puderam, então, capturar dados do município referentes aos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

As informações mais atualizadas do SIDRA foram um chamativo aos alunos para a comparação com os gráficos e tabelas disponíveis no livro didático. Listamos alguns parâmetros para observação, tais como: crescimento, distribuição espacial e diferenças socioeconômicas. O objetivo era que os alunos fizessem uma análise mais objetiva da situação de Sobral em relação à população do país e do mundo.

Além dessa análise comparativa, iniciamos, na terceira aula, um debate sobre o que os dados revelavam da população de Sobral, a partir de questões colocadas na lousa: Sobral é um município populoso? É povoado? Quando comparado à Fortaleza e São Paulo, como se apresenta? Por quê? Quais as áreas mais adensadas de Sobral? São as melhores para se morar? Quem mora nessas áreas? Por quê? As taxas de natalidade e mortalidade indicam boa qualidade de vida em Sobral? A população cresce com a imigração? Conhecem amigos ou parentes que emigraram de Sobral? Por quê? E os imigrantes, de onde vêm? O que buscam na cidade?

Os alunos eufóricos respondiam, ao mesmo tempo, as indagações do mediador da oficina, fazendo associações entre os conteúdos do livro didático e aqueles coletados na internet. O debate rendeu bons momentos de interação/reflexão, sobressaindo-se algumas questões: A população cresce com a imigração? Conhecem amigos ou parentes que emigraram de Sobral? E os imigrantes, de onde vêm?

Essas questões tiveram repercussão porque grande parcela dos alunos conhecia pessoas que migraram para grandes centros urbanos no Brasil e muitos deles eram filhos de imigrantes que vieram de municípios circunvizinhos para Sobral em busca de emprego e melhoria de vida.

Após o debate, partimos para a culminância da oficina, para o trabalho com outros recursos didáticos que contribuíssem para a assimilação ativa dos conteúdos e para desenvolver outras habilidades dos próprios alunos. Pedimos que pesquisassem com familiares e nas associações dos seus bairros fotografias, recortes de jornais e documentos que resgatassem um pouco da história local, do processo de povoamento e expansão. Também poderiam fazer vídeos curtos com entrevistas e fotos sobre a ocupação atual.

No último encontro, os alunos motivados com as atividades propostas, trouxeram vídeos e fotos que foram impressas no laboratório da escola para ilustrar os cartazes produzidos por eles mesmos nos minutos iniciais da última aula. Os trabalhos expostos no quadro foram apresentados pelos grupos e revelavam, tanto pelas imagens, quanto pelos dados exibidos, vários contrastes sociais nos bairros de Sobral que se agravam com o passar do tempo, demonstrando problemas como a desaceleração do crescimento da população, a segregação socioespacial, a nova dinâmica dos fluxos migratórios (tais como migrações intermunicipais e de retorno), a ocupação desordenada, entre outros.

A abordagem multiescalar entre o município, o país e o mundo permitiu aos alunos entender como o local participa do nacional e do global, muitas vezes, reproduzindo ou ampliando as suas contradições. Daí o porquê de Milton Santos (1996, p. 252) afirmar categoricamente: “cada lugar é, a sua maneira, o mundo”. E isso não pode ser desprezado no ensino-aprendizagem da população nas aulas de Geografia. É oportuna a lembrança de que os alunos integram a população, moram em lugares e fazem parte do mundo.

Sendo assim, são sujeitos e objetos de uma Geografia viva que também precisa ser ativa na escola, para que esta, de fato, amplie o conhecimento do mundo e contribua para a cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do PIBID aqui relatada demonstra que a parceria universidade-escola é importante e pode produzir novos saberes e fazeres que facilitem o processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa-ação sobre recursos didáticos é uma das estratégias possíveis para ampliar a parceria e melhorar a formação de professores e dos estudantes da Educação Básica.

Na oficina realizada, avaliamos o papel dos recursos didáticos no estudo da população nas aulas de Geografia. Constatamos que estes servem de mediadores da relação teoria-prática e quando diversificados servem também para desenvolver diferentes capacidades - cognitivas, procedimentais e atitudinais.

Portanto, concluímos que é preciso diversificar os recursos e estratégias para ensinar a população nas aulas de Geografia, valendo-se não apenas do livro didático, da exposição oral e da resolução de exercícios, mas também de vídeos, fotografias, músicas, jogos, pesquisas na internet e em outras multimídias que propiciem aos alunos explorar, de forma criativa e prazerosa, outras formas de conhecimento e de vivência do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABENSUR, Silvia Itzcovici. **Desenvolvimento docente para ensino superior em saúde: Tecnologia e Ensino**. 2010. Disponível em: <<http://edm.org.br/eep/arquivo/3%20tecnologia&educa%c3%a7%c3%a3o.pdf>>. Acesso em: 05. Set. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias**. V. 3, Brasília, 2006.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br> Acesso em: 14 abril 2014
- CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et. al. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS / Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1999. p. 57-63.
- CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 9 ed. Campinas: Papirus, 2006.
- DAMIANI, Amelia Luisa. **População e Geografia**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- KAERCHER, Nestor André. Quando a Geografia Crítica é um pastel de vento e nós, seus professores, Midas. **IX Colóquio Internacional de Geocrítica**. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/9porto/nestor.htm> Acesso em: 29 nov. 2007.
- MONCEAU, Gilles. Transformar as práticas para conhecê-las: pesquisa-ação e profissionalização docente. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 467-482, set./dez. 2005.
- NÉRICE, Imídeo G. **Introdução à didática geral**. São Paulo: Atlas, 1985.
- PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.
- RUA, João (Org.). **Para ensinar Geografia: contribuição para o trabalho com 1º e 2º graus**. Rio de Janeiro: ACCESS, 1993.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SCARLATO, Francisco Capuano. População e urbanização brasileira. In: ROSS, J. L. S. (Org.) **Geografia do Brasil**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.
- TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.
- VESENTINI, J. W. **Repensando a geografia escolar para o século XXI**. São Paulo: Plêiade, 2009.